

# *Apólogos e Adivinhações*

## **de Bocage**

### **APÓLOGOS**

I

#### O PASSARINHO PRESO

Na gaiola empoleirado,  
Um mimoso passarinho  
Trinava brandos queixumes  
Com saudades do seu ninho.

«Nasci para ser escravo  
(Carpia o cantor plumoso),  
Não há ninguém, neste mundo,  
Que seja tão desditoso.

Que é do tempo, que eu passava,  
Ora descantando amores,  
Ora brincando nos ares,  
Ora pousando entre flores?

Mal haja a minha imprudência,  
Mal haja o visco traidor;  
Um raio, um raio te abraze,  
Fraudulento caçador!

Em que pequei? Porventura  
Fiz-te à seara algum mal?  
Encetei, mordi teus frutos,  
Como o daninho pardal?

Agrestes incultas plantas  
Produziam meu sustento,  
Inútil aos que se prezam  
Do alto dom do entendimento...

Do entendimento! Ah malignos!  
Vós, possuindo a razão,  
Tendes de vícios sem conto  
Recheado o coração.

Ah! Se a vossa liberdade

Zelosamente guardais,  
Como sois usurpadores  
Da liberdade dos mais?

O que em vós é um tesouro,  
Nos outros perde o valor?  
Destrói-se o jus do oprimido  
Pela força do opressor?

Não tem por base a justiça,  
Funda-se em nossa fraqueza  
A lei, que a vós nos submete,  
Tiranos da Natureza.

Em ofensa das deidades,  
Em nosso dano abusais  
Da primazia, que tendes  
Entre os outros animais.

Mas ah triste! Ah malfadado!  
Para que me queixo em vão?  
Que espero, se contra a força  
De nada serve a razão?»

Aqui parou de cansado  
O volátil carpidor;  
Eis que vê chegar da caça  
O seu bárbaro senhor.

Trazia encostado ao ombro  
O arcabuz fatal, e horrendo,  
E alguns pássaros no cinto,  
Uns mortos, outros morrendo.

Das penetrantes feridas  
Ainda o sangue pingava,  
E do cruento verdugo  
As curtas vestes manchava.

O preso vendo a tragédia,  
Coitadinho, estremeceu,  
E de susto, e de piedade  
Quase os sentidos perdeu.

Mas apenas do soçobro  
Repentino a si tornou,  
Cos olhos nos seus finados  
Estas palavras soltou:

«Entendi que dos viventes

Eu era o mais infeliz:  
Que outros têm pior destino  
Aquele exemplo me diz.

Da minha sorte já agora  
Queixas não torno a fazer:  
Antes gaiola que um tiro,  
Antes penar que morrer.»

## II

## O LOBO E A OVELHA

Uma ovelha em tempo antigo  
Estreita unido travou  
Cum lobo: não sei que santo  
Este milagre operou.

Esqueceu-se do rebanho,  
Do guardador se esqueceu,  
E em companhia do amigo  
Pelos matos se meteu.

Ali a que dantes era  
Qual mansa pomba sem fel,  
Pelo exemplo estimulado,  
Aprendeu a ser cruel.

Apenas lhe parecia  
Ter feito já digestão,  
Eis pronta a comadre ovelha  
Para a sanguínea função.

Se, vendo as preias não tinha  
O valor de arremeter,  
Ao menos, depois de mortas,  
Nelas entrava a roer.

Contemplando o fero mestre  
No pervertido animal  
Os progressos, que fazia  
A sua escola brutal,

De prazer, e de vaidade  
Lhe pulava o coração  
E tinha à sua educanda  
Cada vez mais afeição.

Mas um dia em que esfaimado  
Saiu com ela caçar,  
Nem rasto do que buscava  
Pôde ao menos encontrar.

Montes, vales, bosques, tudo  
Farejou, subiu, correu,  
Enfim, só farto de vento,  
Na cova se recolheu.

Coseu-se à terra esfalfado,  
E depois se repousou  
Para a débil companheira  
Os cruéis olhos lançou.

«Quê! (disse o mau lá consigo)  
Não há sofrimento igual!  
Hei-de curtir esta angústia,  
E morrer por ser leal!

A natureza me instiga,  
E devo dar-lhe atenção:  
Está primeiro que tudo  
A própria conservação.

Tu, virtude, és atributo  
Dos homens, dos racionais;  
Não me pertences: eu sigo  
Meu instinto, e nada mais.»

Nisto, veloz como um raio,  
Coa pobre ovelha investiu,  
E logo dentes, e garras  
Nas entranhas lhe sumiu.

Com trémula voz pergunta  
Ao desleal a infeliz:  
«Porque me tiras a vida,  
Ingrato, que mal te fiz?

Que lei o rigor te ordena  
A que eu motivo não dei?»  
E ele sôfrego responde:  
«Tenho fome, a fome é lei.»

Destarte cevando a fúria,  
Não cessou de lacerar,  
E, antevendo alguma urgência,  
Os ossos nus foi guardar.

Vede, mortais, neste exemplo,  
Exemplo cheio de horror,  
O que produz a aliança  
De um perverso, de um traidor.

Se os maus tiverdes por sócios,  
Eu fico que os imiteis,  
E que lobos desta casta  
Ou cedo, ou tarde encontréis.

## III

## O AMANTE E A BORBOLETA

Na solidão da alta noite  
Que céus e Terra enlutava,  
Lauro em seu curto aposento  
Ao sono os olhos negava.

Em mesa, donde esparzia  
Cândida vela o clarão,  
Apoiava os frouxos braços,  
E a turva face na mãos.

Tinha absorto o pensamento  
Nos motivos do seu mal,  
Nos desprezos de uma ingrata,  
Nas venturas de um rival.

De quando em quando arrancava  
Das entranhas vãos queixumes,  
Já pedindo a Amor vingança,  
Já pedindo a morte aos nubes.

Leve borboleta entanto  
Por entre os crebros suspiros,  
Junto do lume ondeante  
Vagueia em rápidos giros.

Ei-la de espaço em espaço  
Roçando a flama luzente:  
Dói-se, mas que evite o dano  
Cego instinto não consente.

Cevando o fatal desejo,  
Que à crua morte a conduz,  
Vai, e vem, voa e revoa  
Embelezada na luz.

Sussurro, que faz coas asas,  
Quando nela a simples cai,  
Os olhos amortecidos  
Do terno mancebo atrai.

Olha o triste, e vê o efeito  
Da luminosa negaça,  
Contempla o crestado insecto,  
Que já lânguido esvoaça.

Dor de ver naquele estado  
Lhe penetra o coração:  
Quem ama, franqueia o peito  
Facilmente à compaixão.

«Onde vais, louca teimosa?  
(Grita-lhe ele) encolhe as asas,  
Torna em ti, não vês, não sentes  
Que te destróis, que te abrasas?

«E tu com que jus (diz ela)  
Me increpas porque me mato?  
Ah! Se em teu siso estivesse,  
Viras em mim o teu retrato.

Se te expões qual eu me exponho,  
Se no mesmo caso estás,  
Insano, porque não tomas  
O conselho, que me dás?

Eu e tu vítimas somos  
Da mais funesta loucura,  
E esquecemos o perigo,  
Pasmados na formosura.

Ardes nuns olhos, que adoras;  
Eu nesta luz, que contemplo;  
Argúi-te, ou não me arguas,  
Emudece, ou dá-me exemplo.»

Profícua moralidade  
Deve extrair-se daqui:  
Ninguém reprove nos outros  
O que não reprova em si.

## IV

## O CORVO E O ROUXINOL

Vinha apontando a serena  
 Precursora do áureo Sol,  
 E entoava em selva amena  
 Um saudoso rouxinol  
 Maviosa cantilena.

A voz, que aos ares soltava,  
 A traía o coro alado,  
 Que em torno dele pousava;  
 Assim não fosse escutado  
 De um corvo, que ali morava.

Cego de inveja, e furor,  
 Detestando a melodia  
 Do namorado cantor,  
 Consigo mesmo dizia  
 O sinistro, o grasnador:

«Que este animalzinho encante  
 Tudo, apenas abre a boca,  
 E que eu afugente, espante  
 Com voz desabrida, e rouca  
 Quanto se me põe diante!

Aos homens no meu pregão  
 Infaustos anúncios mando  
 (Diz a vã superstição)  
 E tenho a certeza, em grasnando,  
 Ou pedrada, ou maldição.

A raiva em meu peito acesa  
 Com o que escuto se atiça  
 Sofrer vantagem é vileza;  
 Vou-me vingar da injustiça,  
 Que me faz a Natureza.»

Eis nisto o bruto agoureiro  
 Para o rouxinol caminha,  
 Mostrando-se prazenteiro,  
 E à delicada avezinha  
 Diz com modo lisonjeiro:

«Respira tanta doçura  
 O teu canto, que por certo  
 A branda a penha mais dura;

E assim de te ouvir de perto  
Quero ter hoje a ventura.

Não fujas, cantor mimoso,  
Não te assustes, continua.  
Como o Céu te fez ditoso!  
Que linda prenda é a tua!  
Que voz! Que dom milagroso!»

Não tendes astúcia, que sonde  
O projecto, que o malvado  
Nas vis entranhas esconde,  
Já da lisonja tentado,  
O passarinho responde:

«Sejas bem-vindo, que assaz  
Afortunado me aclamo  
Em ver que atenção me dás;  
Pousa aqui sobre este ramo,  
E a teu cómodo ouvirás.»

«Vamos, de novo começa,  
Que a teus sons o ouvido aplico...»  
Torna o corvo, e se arremessa,  
E o torto, negro bico  
O pobrezinho atravessa.

Ele em tamanha aflição  
Entra a carpir-se da Sorte,  
E ao invejoso glutão  
Diz, sentindo já da morte  
As ânsias, a convulsão:

«Que fiz, que te obrigue a tanto?  
Meigos amores suaves  
Em doces versos eu canto:  
Eu sou a glória das aves,  
Eu sou dos bosques o encanto.»

Destarte pediu favor  
O melhor dos passarinhas,  
Porém foi vão seu clamor,  
Que moendo-lhe os ossinhos,  
Assim gagueja o traidor:

«Simples, vaidoso, insensato!  
Devias ser mais remisso  
Em produzir teu retrato:  
Não te defendas com isso,  
Que por isso é que eu te mato.»



V

## AS DAMAS E A BORBOLETA

Batendo as asinhas leves,  
Matizadas de mil cores,  
Ia veloz borboleta  
Libar o suco das flores.

Anelante, cobiçosa,  
Voou a ameno jardim,  
E a flor, que tocou primeiro,  
Foi o cândido jasmim.

Da bonina cor de neve  
Esquivou-se, desdenhosa,  
Praticando igual desprezo  
Coa fragrante, idália rosa.

Sobre insípido, amarelo  
Malmequer enfim pousou,  
E nele o vivo apetite  
A mitigar começou.

Não longe dali jaziam  
Duas luminosas donzelas,  
Tais que, a serem três, seriam  
De Vénus as filhas belas

Tendo seguido coa vista  
Os voos do lindo insecto,  
Uma delas para a outra  
Disse com iroso aspecto:

«Olha a brutinha! Bem mostra  
De razão não ser dotada,  
Deixa o jasmim, deixa a rosa,  
E do malmequer se agrada!»

Ouviu isto a borboleta,  
Fitou-lhe os olhos, e assim  
Coa voz que teve algum dia,  
Perguntou: – «Falais de mim?»

Supondes extravagante  
A escolha, que tenho feito?  
Ah vaidosas! Que não vedes  
Vosso principal defeito!

Despi, loucas, o amor-próprio,  
E depois conhecereis  
Que falais contra vós mesmas  
No que contra mim dizeis.

Quem faz mais errada escolha  
Que a mulher? Sendo a melhor  
De todas as criaturas,  
Sempre se inclina ao pior;

E só nutre, só conserva  
Amor firme, ardente, e liso  
Se encontra no objecto dele  
O nome da flor que piso.»

## VI

## O LEÃO VENCIDO PELO HOMEM

(traduzido de La Fontaine)

Pôs-se em venda uma pintura,  
Onde estava figurado  
Leão de enorme estatura,  
Por mãos humanas prostrado.

Mirava a gente com glória  
O painel; eis sendo quando  
Um leão, que ia passando,  
Lhe diz: «É falsa a vitória.

Deveis o triunfo vosso  
A ficção, blasonadores;  
Com mais razão fora nosso,  
Se os leões fossem pintores.»

## VII

## A RAPOSA E AS UVAS

(Traduzido do mesmo)

Contam que certa raposa,  
Andando muito esfaimada,  
Viu roxos, maduros cachos  
Pendentes de alta latada.

De bom grado os trincaria;  
Mas, sem lhes poder chegar,  
Disse: «Estão verdes, não prestam,  
Só cães os podem tragar.»

Eis cai uma parra, quando  
Prosseguia o seu caminho;  
E crendo que era algum bago  
Volta depressa o focinho.

## VIII

## O CORVO E A RAPOSA

(Traduzido do mesmo)

É fama que estava o corvo  
Sobre uma árvore pousado,  
E que no sôfrego bico  
Tinha um queijo atravessado.

Pelo faro àquele sítio  
Veio a raposa matreira,  
A qual, pouco mais ou menos,  
Lhe falou desta maneira:

«Bons dias, meu lindo corvo;  
És glória desta espessura:  
És outra fénix, se acaso  
Tens a voz como a figura.»

A tais palavras o corvo  
Com louca, estranha afoiteza,  
Por mostrar que é bom solfista  
Abre o bico, e solta a presa.

Lança-lhe a mestra o gadanho,  
E diz: «Meu amigo, aprende  
Como vive o lisonjeiro  
À custa de quem o atende.

Esta lição vale um queijo,  
Tem destas para teu uso.»  
Rosna então consigo o corvo  
Envergonhado e confuso:

«Velhaca! Deixou-me em branco,  
Fui tolo em fiar-me dela,  
Mas este logro me livra  
De cair noutra esparrela.»

## IX

## A CIGARRA E A FORMIGA

(Traduzido do mesmo)

Tendo a cigarra em cantigas  
Folgado todo o Verão,  
Achou-se em penúria extrema  
Na tormentosa estação.

Não lhe restando migalha,  
Que trincasse, a tagarela  
Foi valer-se da formiga,  
Que morava perto dela.

Rogou-lhe que lhe emprestasse,  
Pois tinha riqueza, e brio,  
Algum grão, com que manter-se  
Té voltar o acesso Estio.

«Amiga (diz a cigarra)  
Prometo à fé de animal  
Pagar-vos antes de Agosto  
Os juros, e o principal.»

A formiga nunca empresta,  
Nunca dá, por isso ajunta:  
«No Verão em que lidavas?»  
À pedinte ela pergunta.

Responde a outra «Eu cantava  
Noite e dia, a toda a hora.»  
«Oh, bravo! (torna a formiga)  
Cantavas? Pois dança agora.»

X

A MONTANHA QUE PARE

(Traduzido do mesmo)

Começou a berrar com dor de parto  
Certa montanha, e fez tamanho estrondo,  
Que acudiu muita gente, a qual supondo  
Que dali nasceria uma cidade  
Maior do que Paris, eis nasce um rato,  
Quando por esta fábula discorro,  
E observo que o sentido é verdadeiro,  
Logo se me afigura autor inchado,  
Que diz: «Eu cantarei a horrível guerra,  
Com que os filhos da Terra  
Sacrílega invasão nos Céus tentaram,  
E a Jove assoberbaram.»  
Promete grandes coisas, coisas belas;  
Que produz? – Bagatelas.

## XI

## O LEÃO VELHO

(Traduzido do mesmo)

Decrépito o Leão, terror dos bosques,  
E saudoso da antiga fortaleza,  
Viu-se atacado pelos outros brutos,  
Que intrépidos tornou sua fraqueza.  
Eis o lobo cos dentes o maltrata,  
O cavalo cos pés, o boi coas pontas,  
E o mísero leão, rugindo apenas,  
Paciente digere estas afrontas:  
Não se queixa dos fados; porém vendo  
Vir o burro, animal de ínfima sorte,  
«Ah vil raça! (lhe diz) morrer não temo,  
Mas sofrer-te uma injúria é mais que morte.»

## XII

## O LEÃO CAÇANDO COM O BURRO

(Traduzido do mesmo)

Fez anos o leão, quis ir à caça,  
 E a dele não costuma ser escassa:  
 Não consiste em pardais, em bagatelas,  
 Mas em bons javalis, e em corças belas.  
 O rei dos bosques pródigo, e discreto,  
 Para surtir efeito o seu projecto,  
 Chama o burro, animal de voz não fina,  
 E o burro vai servir-lhe de buzina.  
 Ele ao posto o conduz, cobre-o de ramos,  
 Ordena-lhe que zurre, e a seus reclamos  
 Crê que ainda os mesmos brutos, que dão provas  
 De atroz braveza, fugirão das covas.  
 Não era aquela tropa ainda usada  
 Ao fragor da asinina trovoada:  
 No ar o espantoso orneio enfim ressoa,  
 Vaga o terror, e as grutas despovoa:  
 Tremendo, a turba agreste alonga o passo;  
 Foge tudo, e fugindo, eis cai no laço,  
 Onde os espera a garra penetrante.  
 «Então, que tal, que tal? Não sou chibante?»  
 (Diz o burro ao leão, coa fronte alçada,  
 Arrogando-se a glória da caçada.)  
 «Troas (volta o leão) troas deveras,  
 E se eu não conhecesse quem tu eras,  
 Eu mesmo com teus zurros me assombrava.»  
 O burro, se pudesse, resmungava,  
 E tínhamos arenga, inda que havia  
 Motivo para aquela zombaria,  
 Pois quem há-de sofrer, quieto, e mudo  
 Que um, que não vale nada, arrote em tudo?  
 Quem sofrerá que audácia o burro afecte?  
 Carácter fanfarrão não lhe compete.

## XIII

## O CÃO E A CADELA

Tinha de uma cadela um cão fome canina,  
Ele bom perdigueiro, ela de casta fina:  
Mil foscas lhe fazia o terno maganão,  
Mas gastava o seu tempo, o seu carinho em vão.  
Dando no chichisbéu dentada, e mais dentada  
A fêmea parecia uma cadela honrada,  
E incapaz de ceder às pretensões de amor:  
Mas o amante infeliz enfim foi sabedor  
De que a mesma em que via acções tão desabridas  
Era cum torpe cão fagueira às escondidas.  
Se és capaz, meu leitor, talvez que tenhas visto  
Cadelas de dois pés, que também fazem isto.

## XIV

## O CORVO E O PAVÃO

Passeando o pavão com ufania,  
E fama que dissera ao corvo um dia:  
«Repara quanto devo à natureza,  
Olha que lindas cores, que viveza!  
Que adorno, que matiz! Olha este rabo!  
Em mim não há senão; e tu, diabo,  
Negro como um carvão, como um besouro,  
Inda és, demais a mais, ave de agouro!»  
O corvo, que na língua não tem papas,  
Lhe responde: – «Essas penas são mui guapas;  
Mas, para refrear teu desvario,  
Observa dessas pernas o feitio.»  
Ainda (quem dará crédito a isto?)  
As pernas o pavão não tinha visto;  
Mas que muito, se há gente, e gente grave,  
Que em seus olhos não vê nem uma trave?

## XV

## O CÃO DE FRALDA E A RAPOSA

Num dos pés arranhado um cão fraldeiro  
Temeu chegar ao transe derradeiro;  
O médico chamou, pôs-se de cama,  
E a dor encareceu como uma dama;  
(Porque neste melindre, ou nesta balda,  
Uma dama equivale a um cão de fralda.)  
Era então a raposa arteira, e fina,  
Entre os brutos doutora em Medicina.  
Entrou num passo grave, um ar sisudo,  
E em tom de quem dizia: – Eu saro tudo!  
Tendo-lhe visto o pé, que lhe dota,  
Perguntou ao doente o que sentia.  
Depois de se esfalçar com fofa prosa,  
Concluiu: «A doença é perigosa;  
Mas hei-de conseguir a grande empresa  
De ajudar, ou vencer a Natureza.»  
É certo que logrou tão alta sorte,  
É certo que a venceu, mas foi coa morte.  
Tendo emplastos, e purgas decretado,  
E com mil beberagens misturada  
Mil gordos aforismos de Avicena,  
Ou dê Averróis, seguiu-se-lhe a gangrena,  
Que tornando mortal a arranhadura,  
O cãozinho encaixou na sepultura.  
Assim que o duro médico feroz  
O mandou visitar a seus avós,  
Sem pejo, sem temor, sem pranto, ou mais,  
A paga foi pedir aos tristes pais.  
Clamaram: – «Inda a terra te não traga!  
O filho nos mataste, e queres paga!...»  
«Quê! (responde a raposa). Ora essa é bela!  
E o trabalha que eu tive, é bagatela?  
Dar vida não está na nossa mão;  
Tanto nos rende o morto como o são.»

## XVI

## O MACACO DECLAMANDO

Um mono, vendo-se um dia  
Entre brutal multidão,  
Dizem lhe deu na cabeça  
Fazer uma pregação.

Creio que seria o tema  
Indigno de se tratar;  
Mas isso pouco importava,  
Porque o ponto era gritar.

Teve mil vivas, mil palmas,  
Proferindo à boca cheia  
Sentenças de quinze arrobas,  
Palavras de légua e meia.

Isto acontece ao poeta,  
Orador, e outros que tais:  
Néscios o que entendem menos  
E o que celebram mais.

## XVII

## OS DOIS BURROS E O MONO

Um burro lançado à margem  
Ostentava de talentos;  
Moía um seu camarada,  
Exemplar dos pachorrentos.

Zurrando conceitos graves,  
Como quem fala, e não pensa,  
Cumpria o rifão do vulgo  
– Tal cabeça, tal sentença. –

O trombudo companheiro  
A longa orelha abaixando,  
Sem lhe responder palavra  
Ia ouvindo, ia pastando.

«Es bruto! Não me respondes?  
(Diz o orelhudo doutor)  
Envergonho-me de sermos  
Iguais na forma, e na cor.»

Estranhando-lhe a bazófia  
Um mono dos mais astutos,  
Que numa árvore trepado  
A aliviava dos frutos.

C'uma gargalhada exclama:  
«Não verão quem alardeia!  
Burro com fumos de mestre!  
Isto é coisa que se creia!

Não zombes desse coitado,  
Faz bem em não responder:  
Um tolo só em silêncio  
E que se pode sofrer.»

## XVIII

## OS CÃES DOMÉSTICOS E O CÃO MONTANHÊS

Afirma escritor antigo  
 Que lá num grande sertão  
 Três cães perdidos na caça  
 Viram sozinho outro cão.

Que este era cor de azeviche,  
 Aqueloutros cor de neve  
 (Porque isto faz muito ao caso)  
 Primeiro notar-se deve.

Nascera de lãs forrado  
 O tal cão, e era montês:  
 Tinham pelo muito fino,  
 E eram da cidade os três.

Um deles, o mais disposta  
 A fazer qualquer agravo,  
 Disse para o bom campónio:  
 «Ó amigo, és nosso escravo.»

Ao som do termo afrontoso  
 Que os ouvidos lhe ofendeu,  
 O rústico alçou a orelha,  
 Rosnou, e se enfureceu.

Queria lançar-se a eles,  
 Mas tinha ouvido uma vez:  
 – Nem Hércules contra dois,  
 E inda menos contra três. –

Enfim, cum ar espantado  
 Lhes disse o pobre lapuz:  
 «Eu cativo! Porque crime?  
 Vós senhores! Com que jus?»

O valentão já citado  
 Dá um pulo, e de repente  
 Ao miserável responde,  
 Arreganhando-lhe o dente:

«O nosso jus é a força,  
 O teu delito é a cor.»  
 De homens pretos, e homens brancos  
 Cuido que fala este autor.

## XIX

## O LOBO, A RAPOSA E A OVELHA

Estando o lobo doente  
Sem se poder arrastar,  
E em necessidade urgente  
De exercer, de ensanguentar  
O rijo, faminto dente:

Ao ver entrar pela gruta  
A raposa a visitá-lo,  
Lhe disse: «Ai comadre astuta!  
À mingua esmoreço, estalo,  
A fome comigo luta.

Tu conheces a amizade  
Com que há dois anos te trato:  
Vale-me por caridade,  
Vai buscar por esse mato  
Alívio à minha ansiedade.»

«Eu vou cuidar no teu bem»  
Responde o falso animal,  
E parte; menos porém  
Para livrá-lo do mal,  
Que para o fazer a alguém.

De serra em serra caminha,  
Até que vê desgarrada  
Uma inocente ovelhinha,  
«Topar-te (diz a malvada)  
Foi teu bem, e é glória minha.

Crê que a raposa não manga,  
Sou de ingénua condição;  
Nenhum vivente me zanga  
Todos amo, à excepção  
De galo, galinha, ou franga.

Tanto, amiga, pôde em mim  
O dó de expostas me ver  
Aos cruéis lobos, que vim  
Felizmente hoje a obter  
De vossos males o fim.

Dos lobos o rei voraz  
Quase em artigos de morte,  
Carpiu suas acções más;

E com piedoso transporte  
Jurou às ovelhas paz.

Fez este prometimento  
Por si, e seus aderentes;  
Não receies fingimento;  
Personagens eminentes  
Não fazem vão juramento.

Agora pede a razão,  
Quer da cortesia o termo,  
Que venhas sem dilação  
Visitar o ilustre enfermo  
Em sinal de gratidão.

A sua cova não dista  
Muito aqui deste lugar,  
Daquele outeiro se avista:  
Toca pois a caminhar,  
Vem tu seguindo-me a pista.»

Aquilo que se deseja,  
Quão fácil se conjectura!  
A ovelha de gosto arqueja,  
E, graças dando à ventura,  
Vai seguindo a malfazeja.

Entram por aquele horror,  
E a condutora ladina  
Vendo da ovelha o terror,  
Lhe disse: «Chegai, menina,  
Beijai a pata ao senhor.»

A repugnância vencendo  
Com bem custo a coitadinha,  
E calada estremecendo,  
Pouco a pouco se avizinha  
Ao bruto feroz, e horrendo.

Vibrando os olhos centelhas,  
O tirano lhe aferrou  
Dente, e garra entre as orelhas:  
Destarte se confirmou  
A paz dos lobos, e ovelhas.

Ingénuo, tem conta em ti!  
No mundo há muitos enganos,  
Eu o sei, porque os sofri:  
Os bons padecem mil danos  
Julgando os outros por si.



XX

## O TIGRE E A DONINHA

Pesou sempre o benefício  
Porque a vaidade ofendeu,  
Principalmente se um grande  
De um pequeno o recebeu.

Lembra-me agora uma história  
Sucedida entre os animais,  
Uma história, que se aplica  
Belamente aos racionais:

Ia um tigre muito ufano,  
Fiado na garra e presa,  
Crendo que a tudo excedia  
No reino da Natureza.

Desta ideia alucinado  
Incauta planta foi pôr  
Em pérfida rede armada  
Por experto caçador.

Preso, luta sem proveito,  
Tenta em vão desenlear-se,  
Lida, resolve-se o bruto,  
E o que faz é apertar-se.

Estancando-se-lhe as forças,  
Perdida enfim a esp'rança,  
Cessa, e do peito raivoso  
Horrendos bramidos lança.

Ao tempo que ele arquejava,  
Por aquele sítio vinha  
Demandando agrestes frutos  
A leve, esperta doninha.

Estremece, ouvindo o monstro  
Envolto na rede urrar;  
Foge, porém curiosa  
Põe-se de longe a olhar.

O tigre, que a vê, que sabe  
Quanto é versada em roer,  
Despe a soberba, e lhe roga  
Que o venha ali socorrer.

Tanto adoça o tom pesado  
Da rude, estrondosa voz,  
Que segura a desprendê-lo  
Parte a doninha veloz.

Afinca o subtil dentinho  
No tenaz, urdido laço;  
Rói aqui, rói acolá,  
E o desfaz em breve espaço.

Livre das prisões apenas  
A fera ingrata, e medonha,  
Do que deve ao pequenino  
Fraco animal se envergonha:

E acesa em feroz orgulho,  
Carregando-se na frente  
(Com receio de que a triste  
O caso nas selvas conte)

Deita-lhe a garra danosa,  
A débil vida lhe extrai...  
Ninguém acuda ao malvado,  
Se no precipício cai.

## XXI

## OS DOIS CÃES

Tinha dois cães perdigueiros  
 Certo moço caçador,  
 Um excelente no faro,  
 Outro no feitio, e cor.

Aquele pela esperteza  
 Do ponto, do agudo olfacto  
 A rola, a perdiz sumida  
 Desencantava no mato;

E apenas soando o tiro  
 Caía a caça no chão,  
 Com pasmosa ligeireza  
 Do dono a trazia à mão.

O segundo inerte, e mole,  
 Que o primeiro acompanhava,  
 Por costume, ou arremedol,  
 Não por génio farejava.

Té as aves muitas vezes  
 Ao venatório ruído  
 Dentre os pés lhe rebentavam,  
 E não as tinha sentido.

Mas, sendo incapaz, ao sócio  
 Exercida na ventura,  
 E o néscio dono prezava  
 Mais que o préstimo a figura.

Assim sucede, leitores,  
 A um sem-sabor Narcisa,  
 Numa assembleia com outro  
 De má cara, e bom juízo.

Diz um dali: «Este amigo  
 É de graça e prendas cheio:»  
 Respondem a isto as damas:  
 «Apre lá! Que homem tão feio!»

Diz outro: «Aquele peralta  
 Põe mil asneiras num dito;»  
 Acodem logo as meninas:  
 «Que importa, se é isto tão bonito?»

## XXII

## O ELEFANTE E O BURRO

No tempo em que inda falavam  
Os animais como a gente,  
É tradição que tiveram  
Conferência em caso urgente.

O burro, que não sei como  
Se introduziu no conselho,  
Quis, fingindo-se estadista,  
Também meter seu bedelho.

Eis num tom, que diferia  
Bem pouco do que hoje é zurro,  
Foi revolvendo a questão,  
Discreteou como um burro.

Depois de lhe ter ouvido  
Alguns conceitos de arromba,  
O carrancudo elefante  
Lhe disse, torcendo a tromba:

«Esse tempo, que tens gasto  
Inutilmente em clamar,  
Insensata, não podias  
Aproveitá-lo em pastar?

Vens afectar eloquência,  
Animal servil, e abjecto!  
Um tolo nunca é mais tolo  
Que quando quer ser discreto.»

## XXIII

## A MONA E O FILHO

Mona tão horrorosa, ou mais do que o Diabo,  
Com calos o traseiro, e sem cabelo o rabo,  
Num moninho brincão, que tinha dado ao prelo,  
Cegamente empregava o material desvelo;  
E era a sua ternura, o seu amor tão fino,  
Que nunca dentre as mãos largava o pequenino.  
Se alguma sua amiga ia fazer-lhe festa,  
Dizia: «Não, não, deixe-mo que o molesta!»  
Se lhe pegava ao colo até o próprio pai,  
A mãe gritava logo: «Ai! Não mo esmagues, ai!...»  
E com mimo importuno a rústica entretanto  
Ao tenrinho animal desafiava o pranto,  
Pois em beijo, e mais beijo, abraço, e mais abraço  
Ansiava, oprimia o filho a cada passo,  
E um dia o abraçou com tal contentamento,  
Que no apertão fagueiro ele exalou o alento.  
Tal (me diz a exp'riência) é o zeloso amante;  
Por amor importuna, enfada a cada instante;  
O que quer para si do mesmo Sol recata,  
Por amor atormenta, e até às vezes mata.

## XXIV

## O PAPAGAIO E A GALINHA

Loquaz papagaio  
 Secava a goela,  
 Soltando mil gritos  
 A uma janela.

Olhou para a rua  
 Por onde vagava  
 Galinha de popa  
 Que depenicava:

Na língua das aves  
 Cum ar sup'rior  
 Lhe deu estes chascos  
 O vão palrador:

«Deveras, vizinha,  
 Que podes campar,  
 Coa prenda galante  
 De cacarejar!

Deixando ironias,  
 Sempre és coisa pouca,  
 Não tens outro chiste  
 Senão essa touca.

Depois de defunta  
 Só causas prazer,  
 Para te comerem  
 Te dão de comer.

Eu em alma, e corpo  
 Sou ave excelente;  
 Não pasmas de ouvir-me  
 Falar como a gente?»

«Não pasmo (responde  
 Dos galos a amiga)  
 Vilão, carioca,  
 Mordaz de uma figa.

Da língua, que alegas,  
 Bazófia concebes?  
 Que importa que a fales,  
 Se não a percebes?

Com isto te abates  
No meu parecer;  
Os todos só dizem  
O que ouvem dizer.»

## XXV

## A MACACA

Nos serros do Brasil diz certo autor que havia  
Uma namoradeira, uma sagaz bugia.  
Milhões de chichibéus pela taful guinchavam,  
E por não terem asa o rabo lhe arrastavam.  
Qual, caindo-lhe aos pés, de amores cego e louco  
Nas cabeludas mãos lhe apresentava um coco;  
Qual do açúcar brilhante a sumarenta cana,  
E qual um ananás, e qual uma banana.  
Ela com riso astuto, ela com mil caretas  
Lhe entretinha a paixão, lhe ia dourando as petas;  
Os olhos requebrava ao som de um suspirinho:  
A todos prometia o mais fiel carinho,  
E se algum lhe rogava especial favor  
À terna petição dizia: «Sim, senhor»  
Mas com muita esperança o fruto era nenhum,  
E os pobres animais ficavam em jejum.  
Leitores, há mulher tão destra, e tão velhaca,  
Que nisto lhe não ganha inda a melhor macaca.

## XXVI

## O LEÃO E O PORCO

O rei dos animais, o rugidor leão  
Com o porco engraçou, não sei por que razão.  
Quis empregá-lo bem para tirar-lhe a sorna;  
(A quem torpe nasceu nenhum enfeite adorna).  
Deu-lhe alta dignidade, e rendas competentes,  
Poder de despachar os brutos pretendentes,  
De reprimir os maus, fazer os bons justiça,  
E assim cuidou vencer-lhe a natural preguiça;  
Mas em vão, porque o porco é bom só para assar,  
E a sua ocupação dormir, comer, foçar.  
Notando-lhe a ignorância, o desmazelo, a incúria,  
Soltava, contra ele injúria sobre injúria  
Os outros animais, dizendo-lhe com ira:  
«Ora o que o berço dá, somente a cova tira!»  
E ele, apenas grunhindo a vilipêndios tais,  
Ficava muito enxuto. Atenção, nisto, oh pais!  
Dos filhos para o génio olhai com madureza;  
Não há poder algum, que mude a natureza:  
Um porco há-de ser porco, inda que o rei dos bichos  
O faça cortesão pelos seus vãos caprichos.

## XXVII

## OS DOIS GATOS

Dois bichanos se encontraram  
Sobre uma trapeira um dia:  
(Creio que não foi no tempo  
Da amorosa gritaria).

De um deles todo o conchego  
Era dormir no borralho;  
O outro em leito de senhora  
Tinha mimoso agasalho.

Ao primeiro o dono humilde  
Espinhas apenas dava;  
Com esquisitos manjares  
O segundo se engordava.

Miou, e lambeu-o aquele  
Por o ver da sua casta;  
Eis que o brutinho orgulhoso  
De si com desdém o afasta.

Aguda unha vibrando  
Lhe diz: «Gato vil e pobre,  
Tens semelhante ousadia  
Comigo, opulento, e nobre?»

Cuidas que sou como tu?  
Asneirão, quanto te enganas!  
Entendes que me sustento  
De espinhas, ou barbatanas?

Logro tudo o que desejo,  
Dão-me de comer na mão;  
Tu lazeres, e dormimos  
Eu na cama, e tu no chão.

Poderás dizer-me a isto  
Que nunca te conheci;  
Mas para ver que não minto  
Basta-me olhar para ti.»

«Ui! (responde-lhe o gatorro,  
Mostrando um ar de estranheza)  
És mais que eu? Que distinção  
Pôs em nós a Natureza?»

Tens maior valor? Eis aqui  
A ocasião de o provar.»  
«Nada (acode o cavalheiro)  
Eu não costume brigar.»

«Então (torna-lhe enfadado  
O nosso vilão ruim)  
Se tu não és mais valente,  
Em que és sup'rior a mim?

Tu não mias?» – «Mio.» – «E sentes  
Gosto em pilhar algum rato?»  
«Sim.» – «E o comes?» – «Oh! Se o como!...»  
«Logo não passas de um gato.

Abate, pois, esse orgulho,  
Intratável criatura.  
Não tens mais nobreza que eu;  
O que tens é mais ventura.»

## XXVIII

## O ROUXINOL, O CUCO E O BURRO

Um cuco e um rouxinol  
Tiveram grave disputa  
Sobre quem melhor cantava,  
Qual tinha voz mais arguta.

Junto das aves o bando,  
Todas elas mui picadas,  
Fizeram que se calasse  
O bazófilo com risadas.

Ele, pois, injuriado  
«Apostem (diz) ou se calem;  
E para se convencerem  
Ambos, ouçam, logo falem.»

O partido era prudente,  
E conforme à sã razão;  
Nenhum outro poderia  
Melhor solver a questão.

Um juiz foi necessário  
A pró de todos eleito;  
Entre os burros vão buscá-lo,  
Dos burros o mais perfeito.

Obteve o cantor dos bosques  
No cantar a primazia,  
E soltando a voz do peito  
Mil requebros repetia.

Depois que atroou os ares  
Aluno digno de Orfeu,  
Parou, e logo o lugar  
Ao seu contrário cedeu.

Começa o cuco a cantar  
Seu «cucu» que mais não diz,  
Esp'rando por fim a palma  
Alcançar do seu juiz.

Feita a prova, o burro então  
Esta sentença profere:  
«É melhor cantar o cuco,  
A filomela prefere.»

Da fábula o documento  
Mostra bem que as decisões  
Quase sempre assim são dadas  
Por juristas asneirões.

## ADIVINHAÇÕES

Bem que pareço a verdade,  
Torno a verdade ilusão:  
Queria o mesmo Apeles  
Ter a minha perfeição.

\*

De meu nome no começo  
Inculco ser principal;  
No resto em sombra esmoreço,  
E com meu nome total  
Ainda a sombra apeteço.

\*

Que é de mim tudo coberto  
Em parte de mim se estende;  
Noutra parte a vida experta,  
E se inteiro alguém me ofende,  
Morre meu dono decerto.

\*

Haver em mim luzimento  
Depende de qualquer mão;  
Engulo, e não me alimento,  
Porque estranhos, que sus tenta,  
Comem tudo o que me dão.

\*

Sendo insensível, de um bruto  
Uso andar acompanhada,  
E sendo sensível, fui,  
Ou sou cum homem ligada.

\*

Quem me observa, e quem me escuta  
Diversas coisas me crê:  
Sou imperfeita a quem me ouve,  
Sou perfeita a quem me vê.

\*

Amam-se tanto nas sombras

Quanto na luz se enfastiam,  
Em mim acabam-se muitos,  
Muitos em mim principiam.

\*\*\*\*\*

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2000-2003

<http://www.ipn.pt/literatura>

\*\*\*\*\*